

Whiggismo: entre uma condição de historicidade e um anacronismo historiográfico.

Geraldo Barbosa Neto (PG)

Michele Marcelo Silva Bortolai (PG)

1 gnetoindependente@hotmail.com

2 bortolai.michele@gmail.com

Palavras-Chave: Whiggismo, condição de historicidade, anacronismo historiográfico.

RESUMO: NESTE TRABALHO, SE REVISITA O PROBLEMA HISTORIOGRÁFICO DO WHIGGISMO. ESSE PROBLEMA, GROSSO MODO, CONSISTE EM SE ESCREVER UMA HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS VOLTADA PARA O PRESENTE. NÃO SE DISPÕE DE ALGUM PROCEDIMENTO FIRMEMENTE ESTABELECIDO NA HISTORIOGRAFIA DAS CIÊNCIAS QUE PERMITA LIDAR COM ESSE PROBLEMA. NÃO OBSTANTE, A PRESENÇA DO WHIGGISMO EM UMA PESQUISA HISTÓRICA É UM OBJETO DE PRESTAÇÃO DE CONTAS À CRÍTICA HISTORIOGRÁFICA. NÃO SE PROPÕE NESTE TRABALHO UMA SOLUÇÃO PARA O PROBLEMA HISTORIOGRÁFICO DO WHIGGISMO. TRAZ-SE À LUME QUE ELE PERMANECE EM ABERTO, QUE SEUS DESDOBRAMENTOS EM PROCEDIMENTOS HISTORIOGRÁFICOS PERMANECEM ATUANTES, OFERECENDO ALGUNS SUBSÍDIOS PARA SUA REFLEXÃO.

Entre as possibilidades disponíveis para esse simpósio temático, o estudo à seguir se inclina mais na direção de uma “[...] história dos homens que se esforçaram por investigar e compreender a estrutura e o funcionamento da natureza” GAVROGLU, 2007 p. 21), do que no sentido de uma história das ciências. Essa designação história das ciências nos orienta tacitamente para um significado de que nesse campo de conhecimento se empreende a história de algo de natureza abstrata, ideativa, embora ela ostente o lustre de nomear um território de investigação que tem se afirmado como um dos mais promissores na contemporaneidade. A definição mencionada acima parece assinalar não uma ciência, com toda a carga histórico-semântica que se possa atribuir a esse termo, mas um esforço de investigação e compreensão da natureza, uma epígrafe de maior abertura para abranger conhecimentos “heterodoxos” para uma tradição historiográfica de uma ciência de estilo reconditamente moderno. Tal definição acentua ainda uma presença humana ativa no processo histórico de uma ciência. Não privilegia a produção de uma ciência como iniciativa individual e isolada, mas um esforço de aspecto coletivo, um empreendimento levado à cabo por um conjunto plural de homens, uma tarefa de insígnia social.

Entre uma profusão de problemas historiográficos que interpelam a escrita da história desses homens, revisitaremos nesse trabalho, o problema do whiggismo.

WHIGGISMO: CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

[...] all our history is directed towards the present. So, although the vigorous repudiation of whiggism has now become a shibboleth which must be uttered to gain entry into the ranks of serious scholars, whiggism lurks within all of us. (HENRY, 2001, p. 3).

Segundo John Henry (1998, p. 15), no fragmento citado acima, não é possível realizar uma pesquisa histórica inteiramente ausente de aspectos anacrônicos, pois

“[...] toda a nossa história é voltada para o presente [...]” e o “[...] whiggismo se esconde em todos nós”, ainda que um “[...] repúdio vigoroso ao whiggismo tenha se tornado hoje uma senha que é preciso pronunciar para ganhar acesso às fileiras dos estudiosos sérios [...]”. Dispõe-se de algum procedimento firmemente estabelecido na historiografia das ciências, que possibilite a realização de uma pesquisa histórica livre desse repudiado whiggismo? Embora esse problema tenha sido tomado como objeto de debate várias vezes, desde que o historiador britânico Herbert Butterfield (1900-1979) nos legou esse problema em *The Whig Interpretation of History* (1931), uma resposta a essa pergunta certamente constitui ainda hesitação e embaraço para a historiografia das ciências. Em vista dessa hesitação e embaraço, dispõe-se de uma parcimônia em relação à presença do whiggismo em uma pesquisa histórica? Não. Talvez seja um dos critérios mais implacáveis entre os que cultivamos na historiografia das ciências. Essa postura dúbia sobre o whiggismo, que o distende entre uma prática inelutável e algo que deve ser rigorosamente evitado, nos assinala um problema historiográfico que permanece em aberto. Neste trabalho, longe de uma imodesta pretensão de solucioná-lo, se propõe trazer novamente à lume uma pergunta pelo sentido do whiggismo.

Trazer novo alento à essa pergunta, significa tacitamente uma admissão de um *mea culpa*, em dissimular um rigor sobre um problema cujo uma resposta consistente ainda nos escapa, significa assumir que não dispomos ainda de uma compreensão profunda e sólida sobre ele, também significa despertar a consciência para a percepção de que nos referenciamos por um critério que ainda carece de uma resposta que o fundamente sobre bases sólidas e fixas, recolocando-o, assim, para uma rediscussão, e suspendendo por um momento a “deontologia” que mantemos em relação ao problema do whiggismo.

WHIGGISMO: UMA HISTÓRIA CONCISA DO TERMO

O termo whiggismo está presente no vocabulário dos historiadores das ciências. Foi mencionado pioneiramente em sua acepção historiográfica, em *The Whig Interpretation of History* (1931), do historiador britânico Herbert Butterfield (1900-1979).

Nas primeiras décadas do século XX, o cenário político britânico contava com uma configuração que apresentava como elementos centrais uma proposição protestante, liberal e parlamentar. Uma ampla historiografia que tomava esse cenário como perspectiva, lançava seu olhar para outrora em busca de onde essa configuração política atual se enraizou. Situar essa origem nos *Whigs*, uma corrente política britânica setecentista. A partir dessa corrente, essa historiografia construiu uma narrativa que linearmente e progressivamente fazia o passado confluir para a configuração histórico-política vislumbrada na contemporaneidade britânica.

Herbert Butterfield os criticou por deslocarem um estado de coisas que lhes era presente para um passado que não o conheceu, para o qual não existia. Posto que tomavam os *Whigs* como objeto de sua construção histórica, Herbert Butterfield sufixou esse nome com *ism* para assinalá-la como uma prática, formando a palavra *whiggism*. Ele a deslocou do vocabulário histórico-político britânico para denominar esse gênero anacrônico de historiografia. Eis até aqui um resumo de *The Whig Interpretation of History* (1931), estudo de Herbert Butterfield, enriquecido com algumas elucidações.

Os historiadores das ciências incorporaram esse termo whiggism, bem como seu teor crítico do estudo do passado com referência aos dias atuais, do uso de passado para elucidar o presente. O empregaram para fazer referência aos historiadores que com referência na cultura científica que lhes é contemporânea, buscam fixar as origens de sua ciência moderna e construir narrativas históricas que deformam o passado, lhe fazendo assumir um contorno divinatório, clarividente, lhe imprimindo um sentido histórico convergente para as práticas científicas atuais de investigação do mundo natural.

UMA SIGNIFICAÇÃO DO WHIGGISMO

Embora tenhamos nos encaminhado acima sob o primado de uma concisa história do termo whiggismo e sua incorporação na historiografia das ciências, no tópico anterior já foi delineado um significado para esse termo, circunscrito ao modo como o historiador britânico Herbert Butterfield (1931, p. 35) o pensou. Para ele, a acepção historiográfica desse termo aludiu a uma corrente específica de historiadores que “[...] studies the past with too direct reference to the present day [...]”, que procediam de modo a “[...] to use the past for the elucidation of the present”, isto é, que estudavam o passado com referência aos dias atuais, e que usavam o passado para elucidar o presente.

Essa recusa do procedimento de estudar o passado com referência aos dias atuais pode ser – e tem sido recorrente há décadas – acolhida resignadamente por alguns historiadores das ciências. É possível que a preocupação em acomodar-se às regras do campo da história das ciências e produzir um estudo histórico que ganhe seu reconhecimento, tenha absorvido o olhar de grande parte dos seus pesquisadores, ainda que as ricas advertências de Edward Harrison, de Davis Lee Hull, de Ernest Mayr e de Nick Jardine, apenas para mencionar alguns dos que se ocuparam com o tema, tenham acenado no sentido da necessidade de uma premente problematização do whiggismo.

JOHN HENRY E ALGUMAS IMPLICAÇÕES HISTORIOGRÁFICAS DO WHIGGISMO

A um só tempo, em uma só área de conhecimento, praticando-se de modo incontornável o whiggismo e o repudiando vigorosamente. Esse é um cenário em curso na História das Ciências, segundo o historiador das ciências John Henry (2001, p. 3), já citada no fragmento que introduz esse trabalho. No contexto desse fragmento, a história das ciências que estamos fazendo está inelutavelmente voltada para o nosso tempo (“all our history is directed towards the present [...]”), de modo que carregamos o whiggismo conosco (“[...] whiggism lurks within all of us”), ainda que de forma insuspeita. Concomitantemente, ainda de acordo com John Henry, fazemos do whiggismo um objeto de repúdio vigoroso, um shibboleth que deve ser pronunciado para ganhar a entrada para as fileiras dos estudiosos sérios (“So, although the vigorous repudiation of whiggism has now become a shibboleth which must be uttered to gain entry into the ranks of serious scholars”).

Para a aclararmos essa expressão *shibboleth*, exercitemos um pouco de etimologia. *Shibboleth* se origina da palavra hebraica (שִׁבּוֹלֶת), xibolete se pronuncia em

português. A explanação dessa expressão exige que nos conduzamos às Escrituras Sagradas, mais especificamente a uma narrativa situada no livro *Juízes* (12: 1-6). Nela a palavra hebraica שְׂבִלֵת (xibolete) ganha sua expressão mais emblemática. Está escrito nela que os gileaditas, membros de uma tribo israelita, obrigavam as pessoas que atravessavam uma passagem rasa do rio Jordão, situada sob seu domínio, a pronunciar a palavra hebraica שְׂבִלֵת (xibolete). Pretendiam com isso identificar os efraimitas, outra tribo israelita que lhes era inimiga. Os efraimitas, está escrito na narrativa, não conseguiam pronunciar a sílaba *xi* da palavra xibolete. Em seu lugar pronunciavam a sílaba *si*, o que resultava em falarem *sibolete*. Através da tênue sílaba *si*, os efraimitas eram identificados e mortos. Ao passo que quem pronunciasse שְׂבִלֵת (xibolete) lhe era permitida a travessia, sua linguagem atestava ser gileadita.

Substitua a palavra hebraica שְׂבִלֵת (xibolete) dessa narrativa bíblica pelo paradigmático termo whiggismo da História das Ciências. Troque a travessia de uma passagem rasa do rio Jordão pela avaliação dos historiadores das ciências. Se o autor de uma pesquisa histórica pronunciar a palavra whiggismo, cairá em descrédito, sob a acusação de fazer anacronicamente as ciências de outrora se conformarem a cultura científica que lhe é contemporânea. Será classificado como um “historiador efraimita”. Todavia, se ele não a pronunciar, será investido da possibilidade de sua pesquisa histórica ser admitida entre os estudos legitimados pelos “historiadores gileaditas”. É um termo com o poder de julgar a pesquisa histórica que é digna e a que não é digna de pertencer à tribo da História das Ciências. A expressão *shibboleth*, assim, exprime de maneira exímia a densidade da rejeição dos historiadores das ciências ao whiggismo. É esse sentido que está latente, metaforizado por John Henry, no trecho: “[...] o repúdio vigoroso do whiggismo agora se tornou um shibboleth que deve ser pronunciado para ganhar a entrada para as fileiras dos estudiosos sérios”.

Persistindo no fragmento do livro *The Scientific Revolution and the Origins of Modern Science*, de John Henry, propõem-se a tradução de seu trecho “[...] whiggism lurks within all of us” como o “[...] whiggismo se esconde em todos nós”. O procedimento historiográfico, na perspectiva desse autor, descrito parágrafos acima, bem como seu violento repúdio, estão presentes em qualquer historiador, sem ressalvas. Estão indelevelmente incorporados mesmo nos “historiadores gileaditas”. Isso possibilita problematizar se o fragmento não sugere tacitamente que nós dissimulamos ser possível estudar o passado sem referências que pertençam aos dias atuais; que dissimulamos ser possível um intérprete esvair-se integralmente da memória histórica que preenche sua cultura. Além disso, o fragmento possibilita problematizar se jogamos um simulado jogo no qual se finge ser congruente ao intérprete despojar-se completamente da indelével educação historiográfica disciplinar e disciplinada que o determina, desapossar-se inteiramente dos cânones de seu campo de pesquisa, com os quais ele mantém uma interlocução em seu processo de interpretação das fontes de sua pesquisa histórica, tudo isso imerso em seu presente. O fragmento nos interpela sobre a existência de um consistente fundamento epistemológico que suporte esse incômodo problema do whiggismo.

Configura-se, desse modo, uma desconcertante situação ambígua e contraditória: elementos de nossa cultura que nos são contemporâneos se afirmam como uma condição de possibilidade para o estudo do passado, ao passo que se repudia estudar o passado com referências que pertençam aos dias atuais.

É possível que, em vista disso, os historiadores das ciências tenham hesitado em propor um procedimento historiográfico seguro que permita estudar o passado sem referências que pertençam aos dias atuais. Propor um compromisso com as fontes de pesquisa histórica dá expressão apenas a intenção de evitar carregar nossas “impolutas” noções contemporâneas para a interpretação de uma época que não as conheceu, bem como a um escopo de nos tornarmos, o máximo possível, pupilos totalmente fieis a uma forma genuína de pensar, sentir e perceber, datada de outrora. Não obstante, isso não supera a indelibilidade das marcas históricas e culturais que estão presentes conosco na leitura e na interpretação do que tomamos como fonte de pesquisa histórica. Tal fragilidade metodológica torna-se ainda mais acentuada em uma área do conhecimento na qual grande parte de seus componentes reclamam pertencer a árvore genealógica de Galileu, Newton, Decartes, Bacon, Boyle, entre outros “patriarcas” que variam entre os ramos das ciências.

WHIGGISMO E LEGIBILIDADE

Fizemos nossos questionamentos sobre o whiggismo girarem em torno da expressão inglesa *whiggism*, da expressão hebraica *חִבּוּלֵת* (xibolete), e agora incorporaremos ao repertório desse trabalho uma expressão alemã: *lebarskeit*. Esse conceito pertence a obra *Das Passagen Werk*, de autoria de Walter Benjamin (1892-1940), notório filósofo alemão. Em português essa expressão pode ser traduzida por legibilidade. Uma das proposições centrais desse conceito é a de que uma determinada imagem do passado somente se torna legível em uma determinada época. Outra é que só em um agora pode existir uma determinada cognoscibilidade (“*Erkennbarkeit*”), que permite a construção de uma imagem do passado.

O índice histórico das imagens diz, pois, não apenas que elas pertencem a uma determinada época, mas, sobretudo, que elas só se tornam legíveis numa determinada época. E atingir essa legibilidade constitui um determinado ponto crítico específico do movimento em seu interior. Todo o presente é determinado por aquelas imagens que lhe são sincrônicas: cada agora é o agora de uma determinada cognoscibilidade (BENJAMIN, 2006, p. 505)

Ao passo que o whiggismo pressupõe que lancemos nosso olhar para o passado sem carregar conosco nosso presente, o conceito de legibilidade propõe que a própria condição de lançarmos nosso olhar ao passado somente é possível se dispormos em nosso tempo de subsídios que nos permitam reconhecê-lo, decifrá-lo, decodificá-lo. Da perspectiva de repúdio sobre o whiggismo, o historiador das ciências que tomar sobre si uma linguagem inscrita e situada em seu tempo com o escopo de deslocar-se para os registros que documentam o passado para torná-lo legível e reconhecível, incorrerá rigorosamente em uma flagrante reprovação. Da perspectiva da legibilidade, tal repúdio é mais dogmático do que epistemológico, traz a lume mais uma deontologia, elemento de um mero código de deveres profissional, do que uma preocupação com consistência e lucidez sobre o que e como é possível construir conhecimento sobre o passado. Para os que repudiam o whiggismo, tacitamente consideram a possibilidade de um historiador das ciências saltar de seu próprio tempo, cortar integralmente os laços que o liga a sua cultura e a sua época, arrancar de si todas as marcas que seu presente lhe imprimiu e examinar o passado inteiramente despido, como condição de absorver uma temporalidade que lhe é alheia e compreendê-la em seus próprios termos. Através da ideia de legibilidade, todavia, o

historiador das ciências é defrontado com a indelebilidade temporal entranhada em si como sua própria carne e seu próprio sangue, posto que sua própria vida, trajetória, existência e formação se inscreve inelutavelmente em uma temporalidade. Ele é parte de seu tempo e vice-versa. E só no que do passado encontra uma correspondência com sua temporalidade emerge a possibilidade de sua compreensibilidade historiográfica.

Tal como o tradutor não pode retornar voluntariamente ao período subsequente ao seu nascimento, no qual lhe escapavam o vocabulário e os significados que preenchiem a cultura que o cercava, é inelutável para o historiador recuar no tempo até um momento no qual sua noção de ciência e as acepções que a povoam abandonem completamente sua consciência. Nesse sentido, a insólita atitude de dissimular um esvaziamento voluntário da concepção de ciência na qual se foi educado carece de consistência epistemológica. Por isso os ricos debates sobre a interpretação *Whig* da história se ocuparam em descortinar suas fragilidades, hesitando em propor qualquer método que possibilite dela se evadir.

Bem como o tradutor apenas pode cumprir seu ofício se encontrar uma correspondência entre a língua estrangeira e a sua, o historiador da ciência só construirá seu discurso historiográfico se encontrar uma comunicação entre a ciência do passado que mantém sob sua investigação e a de sua época. A tradução depende de encontrar em nosso vocabulário uma palavra que acomode o termo estrangeiro e de localizar em nosso repertório semântico um sentido que elucide seu significado. Essa correspondência garante a traduzibilidade – a condição de tradução. Da mesma maneira, o historiador da ciência só pode captar a historicidade do fenômeno do passado que estuda se articulá-lo às terminologias e se enlaçá-lo às definições que o circunscrevem em seu tempo. Em vista disso, ser *Whig* não comporta uma reprovação dogmática. Constitui, na verdade, a própria condição de historicidade.

UMA ALTERNATIVA HERMENÊUTICA PARA O PROBLEMA DO WHIGGISMO?

Entre os diferentes modos de compreender dos quais dispomos, Hans-Georg Gadamer, em seu clássico *Wahrheit und Methode*, parece ter proposto um modo de compreender (*Verstehen*) que assinala posturas teóricas e procedimentais bastante pertinentes ao nosso escopo. No conjunto das obras de Gadamer o tema da compreensão (*Verstehen*) é central. Nelas ele expressa seu modo de entender esse processo a partir de diferentes aspectos, dos quais se colige elementos que convergem para a conceitualidade de sua palavra compreensão (*Verstehen*). Um dos trechos em que Gadamer (1999, p. 311) expressa essa conceitualidade de modo mais condensado e conciso é: “[...] ist Verstehen immer der Vorgang der Verschmelzung solcher vermeintlich for sich seiender Horizonte” – “[...] compreender é sempre um processo de fusão desses horizontes presumivelmente dados por si mesmos” (GADAMER, 2011, p. 404).

Para elucidar melhor o entendimento de compreensão (*Verstehen*) presente no fragmento acima, primeiramente, faz-se necessário saber o que Gadamer significa com a palavra alemã “*Horizonte*”, nele apresentada. Escreve Gadamer (1999, p. 309): “Horizont ist der Gesichtskreis, der all das umfaßt und umschließt, was von einem Punkt aus sichtbar ist.” – “Horizonte é o âmbito de visão que abarca e encerra tudo o

que pode ser visto a partir de um determinado ponto” (GADAMER, 2011, p. 399). Apropriando-se desse conceito, apenas é possível perguntar em uma pesquisa histórica por algo inelutavelmente compreendido e delimitado no presente histórico de quem lança a pergunta. Por outro lado, o objeto de uma pesquisa histórica também possui um horizonte histórico que lhe é próprio, horizonte além do qual não existiam nem este que coloca-lhe uma pergunta, nem o presente histórico no qual tal inquiridor se situa.

Ambos os horizontes são, conforme Gadamer (1999, p. 311; 2011, p. 404), “[...] vermeintlich for sich seiender [...]” – “[...] presumivelmente dados por si mesmos”. É irretorquível prescindir da presença na colocação de uma pergunta de pesquisa, de toda uma carga adquirida a partir de uma trajetória histórica própria, delineada em meio à condições históricas específicas, entre as quais é possível assinalar o peso dos paradigmas historiográficos dos quais dispomos, até mesmo da política do conhecimento histórico que nos abrange, entre uma profusão de outras forças exercidas sobre uma prática de pesquisa histórica, irradiadas a partir do que nos é posto no presente.

Resulta disso, inelutavelmente, que de uma pergunta colocada pelo sentido histórico de algo, à princípio, apenas se admitirá como possibilidades de resposta, os aspectos desse algo que se conformarem aos paradigmas presentes, de modo manifesto ou velado, na própria pergunta colocada. Tal conformação significa tacitamente uma exclusão das composições historicamente autênticas, originais, genuínas, possíveis de se desvelar no objeto de uma pesquisa histórica.

Gadamer (2011, p. 404) propõe a busca por uma “[...] fusão [*Verschmelzung*] desses horizontes [...]”. Uma interpretação possível dessa fusão, e é essa que se pretende levar adiante, é a de desconstruirmos tudo o que abarca e encerra nosso horizonte histórico, interposto ao que abarca e encerra o horizonte histórico do objeto de nossa pesquisa histórica. Não se trata de assumir uma postura ingênua de voluntariamente se esquecer de tudo que nos determina, de despir-se de modo espontâneo da história na qual se inscreve nossa trajetória, de deitar mão do horizonte histórico no qual estamos imersos. O que Gadamer propõe é se levar à cabo um processo de interpretação, durante o qual, possamos corrigir, revisar, reavaliar, adequar, substituir, o que ele designa por preconceitos, todo o horizonte terminológico, significativo e interpretativo sedimentado em nossa cultura, que nos foi historicamente transmitido, buscando uma postura que, emprega-se aqui uma expressão do filósofo Friedrich Nietzsche (2008, p. 30), “[...] me liberta de mim mesmo [e de meu horizonte histórico, acrescenta-se nessa pesquisa histórica], [...] que me permite passear pelas ciências e pelas almas alheias [...]”.

Esse é o modo de compreender (*Verstehen*) proposto por Hans-Georg Gadamer, que assinala posturas teóricas e procedimentais bastante pertinentes para a busca por uma compreensão histórica com um conteúdo o menos whiggista quanto for possível para um historiador das ciências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Revisitou-se neste trabalho o problema do whiggismo. Evidentemente que nessa poucas páginas não seria possível propor nenhum “truque historiográfico” que tornasse possível realizar uma pesquisa histórica inteiramente ausente de aspectos anacrônicos. Tomou-se por escopo, na verdade, não o oferecimento de alguma postura teórica ou procedimental conclusiva, a partir da qual a historiografia das ciências pudesse empreender pesquisas históricas destituídas integralmente de whiggismo. Isso seria uma pretensão ingênua. Tomou-se por escopo despertar novamente nossa sensibilidade historiográfica para o problema do whiggismo que permanece aberto e atuante na escrita da história das ciências. Dialogando com autores do gabarito de John Henry, Walter Benjamin e Hans-Georg Gadamer, coligimos elementos a partir dos quais fosse possível assinalar a complexidade que gira em torno do problema do whiggismo. Se esse problema parece nos defrontar com uma aporia. Esse trabalho propõe que essa aporia não desencoraje um debate sobre ele, nem o dissimule com uma aparência de estar compreendido e solucionado. Mais de oitenta anos após Herbert Butterfield nos legá-lo em *The Whig Interpretation of History* (1931), ele permanece no âmago da história das ciências, carecendo de uma resposta consistente, mas não podemos de modo algum prodigalizar que ele continue incômodo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. Passagens. Tradução e coordenação: Willy Bolle. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado/ UFMG, 2006.

BUTTERFIELD, Herbert. *The Whig Interpretation of History* (1931). Html edition for ©Eliohs by Guido Abbattista, 2002. Disponível em:
<<http://www.eliohs.unifi.it/testi/900/butterfield/index.html>>. Acesso em: 12 jan. 2013.

GADAMER, Hans-Georg. *Gesammelte Werke*. Unveränd. Taschenbuchausg. Tübingen: Mohr Siebeck, 1999.

HENRY, John, *The Scientific Revolution and the Origins of Modern Science*, 2nd edition. London: Palgrave Macmillan, 2001. (Studies in European History).

HENRY, John. *A Revolução Científica e as Origens da Ciência Moderna*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998. (Ciência e cultura)

NIETZSCHE, Friedrich. *ECCE HOMO*. Como se chega a ser o que se é. Universidade da Beira Interior: Covilhã, 2008. (Textos Clássicos de Filosofia)